

## **Ciência, Arte e Perspectivas para a Imaginação Sociológica**

Joyce Miranda Leão Martins<sup>1</sup>

“A verdadeira beleza acaba onde começa a expressão intelectual. A intelectualidade é por si mesma exagerada e destrói a harmonia de qualquer semblante. No momento em que se assenta para pensar, tudo é nariz ou fronte ou coisa pior. Olha os homens triunfantes na sua profissão científica e observa como são realmente horrendos!” Oscar Wilde – *O Retrato de Dorian Gray*

O conhecimento científico, que veio com o advento da modernidade, nasceu desmistificando a religião, os ditos “poderes sobrenaturais”; relegando conhecimentos populares, mas enaltecendo o potencial humano, o qual poderia ser fortalecido se a conduta dos indivíduos fosse guiada pela razão. A grande importância que a emergência desse momento teve para a história da humanidade, fato reconhecido até hoje, foi significativa para intelectuais que tentavam se desvencilhar das amarras de um senso comum ancorado em medos produzidos por fantasias, ignorância, preconceito. Porém, querendo livrar-se das “trevas” do desconhecimento, esses “iluminados” acabaram por cegar-se diante de quaisquer tipos de cognição que não fossem pautados por critérios “racional”. O positivismo criou um conhecimento arrogante, o qual foi seguido também pelos precursores da Ciência Social.

Olhada com menosprezo pelos pais da sapiência moderna – muitos julgavam não ser possível construir uma ciência do social –, a Sociologia tentou seguir os passos da física e da matemática, de uma tradição que remete aos tempos de Bacon e Descartes. Os produtores do novo tipo de saber buscavam validar apenas fatos ou condições verificáveis, deixando as metáforas e os significados pessoais e coletivos para o domínio da poesia, o que resultou numa querela entre ciência e arte nos primórdios da ciência moderna: os positivistas buscavam eliminar o simbólico do domínio científico; os artistas tentavam localizar a arte fora da natureza.

A distância entre o mundo social e o sonho dos positivistas tornou mister uma nova ontologia e epistemologia para o saber sociológico. A busca pelas “leis sociais”, e por deixar

---

<sup>1</sup> Bacharela em Ciências Sociais pela UFC e Mestre em Sociologia pela mesma instituição. Doutoranda em Ciência Política pela UFRGS.

de lado toda subjetividade, fez os sociólogos caminharem por “caminhos tortos”. Alguma coisa parecia não se adequar à nova ciência, visto que o mundo social é carregado de simbolismos e subjetividades. Desde Weber, por exemplo, pensa-se em como lidar com a emotividade do cientista. Assim sendo, as teorias muito bem organizadas acabavam por não coincidir com um mundo diverso, cheio de alternativas. Cabia aceitar os *approches* positivistas ou retirar os véus que os cobriam. Ao se escolher a segunda opção, constata-se a crise.

Alguns sociólogos contemporâneos rebateram os resquícios do positivismo e apontaram pistas para o surgimento de novos paradigmas: foi o caso de Boaventura de Sousa Santos para o qual devemos “escavar no lixo cultural produzido pelo cânone da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que dele foram expulsas.” (2000, p.18).

Pensar em novas perspectivas para as ciências humanas é também refletir acerca da legitimação do conhecimento científico, sobre a separação entre “ciências duras” e “ciências leves”. Uma postura crítica leva a indagar quem são os que se consideram donos do saber e possuidores de uma autoridade para afirmar o que é ciência ou deixa de ser.<sup>2</sup>

A superação da dicotomia arte/ciência amplia o olhar do pesquisador e permite que este procure na criação artística um instrumento teórico para a Sociologia, possibilitando uma *estética cognitiva* (DIATAHY, 1999; 2001), no sentido da valorização da subjetividade e da intuição. Se a “realidade científica” mostrava suas deficiências quando contrastada com as inúmeras linguagens simbólicas, a estética cognitiva é uma hermenêutica que vê o mundo a partir de uma teoria do conhecimento pós-positivista, romântica e dialética, abrindo espaço para o realismo simbólico. Esta é uma perspectiva que vê todo conhecimento como uma construção social e, por isso, simbólica, assim como a linguagem, os mitos e a arte.

Nesse sentido, o fato de o mundo social não ser rigorosamente material, como o dos positivistas, não é motivo para que não se faça uma ciência das relações humanas, pois o que move a ciência não são suas regras e métodos, mutáveis com o passar do tempo e das situações, mas a lógica da descoberta, o espanto – a aporia, da qual nos fala Aristóteles – diante do mundo.

O problema da subjetividade não é inerente às Ciências Sociais, visto que o conhecimento não existe sem a participação do sujeito cognoscente. Contudo, na Sociologia, a citada questão se resolve com a noção de *ponto de vista*. Essa noção está dentro da perspectiva de uma estética cognitiva e se refere tanto à epistemologia quanto ao método, pois

---

<sup>2</sup> Bourdieu, na obra *O Poder Simbólico* (1989), faz importantes reflexões sobre o campo científico.

é um instrumento de descoberta e de conduta. Como ferramenta teórica, o ponto de vista permite entender que todo conhecimento é parcial, que não se chega a uma verdade absoluta, porque nossa própria visão é limitada. Como forma de comportamento (instrumento metodológico), o ponto de vista propõe um olhar afastado, um distanciamento psíquico do pesquisador em relação ao objeto estudado. O sociólogo deve se portar como estrangeiro, estranhando costumes para ser capaz de questionar e conseguir respostas. Esse distanciamento nada mais é do que uma tentativa de desfamiliarização. Além disso, o ponto de vista estético – por entender a subjetividade como inerente a todo estudo – propõe um controle das paixões do pesquisador. Os juízos de valor deste devem ficar distantes da interpretação dos fatos (daí a importância da desfamiliarização).

Devido à compreensão do mundo ocorrer de acordo com as experiências individuais – ponto em que as teorias sociológicas convergem – a cognição acontece através de aproximações sucessivas (os *approches*). É através de comparações, de um “como se fosse”, que somos capazes de conhecer. E, por isso, as ciências estão ancoradas em *metáforas*, no transporte de conceitos, ideias e experiências.

As metáforas servem como estímulo à imaginação sociológica descrita por Wright Mills (1972), porque permite, através de associações justapostas, alcançar o que a linguagem falada não é capaz de expressar. Não esquecendo que toda metáfora mobilizada pelo pesquisador parte de uma perspectiva particular, a metáfora se torna uma importante aliada para o pensamento. Mas o olvido desse aspecto faz crer que a metáfora é uma verdade absoluta e transforma em lenda aquilo que seria um novo campo perceptivo. É desse caráter lendário que as novas perspectivas, nas ciências humanas, procuram se distanciar. A metáfora, é fundamental destacar, não é produto de uma imaginação romântica: “o mundo da realidade social não será substituído por um mundo fictício, não-existente, criado pelo observador científico.” (SCHÜTZ, 1964 apud HERITAGE, 1999, p.329).

A metáfora é o exercício de um raciocínio sociológico que observa os fatos e tenta interpretá-los através de comparações e de um pensar relacional, o qual procura compreender, à luz de distintas situações, uma circunstância particular.

As novas perspectivas (a da arte, a da emoção e a da estética cognitiva – que as mesclam) distinguem-se das antigas por sua marca interpretativa, por sua opção de não absolutizar a verdade. Como disse Bauman (2010), os primeiros cientistas eram legisladores e, os de hoje, são intérpretes. Vale reafirmar que não se julga que toda interpretação baseada em metáforas renomadas (ou novas metáforas de intérpretes já renomados) estarão livres de condutas racionais - pressuposto da ciência moderna - e sujeitas apenas à subjetividade de

cada cientista. Ao contrário, reconhecendo a presença da subjetividade é preciso tentar objetivá-la, questioná-la, daí a importância de se fazer uma sociologia da sociologia, a qual “permite mobilizar, contra a ciência que se faz, as aquisições da ciência já feita.” (BOURDIEU, 1988, p.6).

A conclusão inferida é que a ciência, em uma perspectiva pós-positivista, é a descoberta *pessoal* (particular, de um ponto de vista) de um cientista, a qual pôde vir à tona devido a um quadro de referências construído/composto por outros cientistas.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes – Sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. São. Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DIATAHY, Eduardo. *Jürgen Habermas: hermenêutica e epistemologia das ciências do homem*. 1999.

DIATAHY, Eduardo. *Nietzsche, ou de como se livrar do “dogma da imaculada percepção”*. 2001.

HERITAGE, John C. Etnometodologia. In GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (org.). *Teoria Social Hoje*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. 1ª reimpressão, São Paulo: UNESP, 1999.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Hedra, 2009.